

## **A transposição da Literatura para o Cinema: reflexões preliminares.<sup>1</sup>**

Érica Eloize Peroni Ferreira<sup>2</sup>  
Centro de Ensino Superior Promove

### **Resumo:**

Trata-se da investigação da intersemiose existente entre texto literário e cinematográfico. A multiplicidade de obras literárias presentes no cinema, desde a sua constituição até os dias atuais, nos faz questionar sobre a similaridade existente entre ambas as linguagens, ressaltando as etapas pertinentes ao processo de transposição, tais como a intertextualidade, adaptação e tradução intersemiótica.

**Palavras-chave:** cinema; literatura; semiótica; transtexualidade.

### **Introdução**

Considerando a importância dada ao estudo das similaridades do texto literário e cinematográfico, este artigo configura-se como recorte de uma pesquisa, ainda em desenvolvimento, que tem como objetivo investigar os processos de transposição existentes entre literatura e cinema considerando suas inter-relações. A evidente presença da literatura no cinema nos dias atuais nos desperta para a verificação das potencialidades que fazem com que essas linguagens tão distintas se aproximem.

A forte presença narrativa, os elementos textuais, ficcionais, entre outros aspectos presentes marcam a notoriedade da literatura na construção da linguagem cinematográfica. A pesquisa requer a contemplação dos estudos pertinentes à transtexualidade, à tradução intersemiótica e à adaptação, visando obter a possível compreensão das etapas da transposição entre diferentes linguagens.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação – na seção correspondente à Comunicação audiovisual.

<sup>2</sup> aluna do sétimo período de graduação em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial, orientada pelas professoras mestres em Comunicação Social pela UFMG, Renata Alencar e Joana Meniconi. Desenvolveu atividades acadêmicas reconhecidas pela instituição como exposição fotográfica na Semana de Comunicação 2004 e 2005 e co-direção do curta-metragem “Chuva”, exibido publicamente pela Associação Curta Minas, Cine Esquema Novo em Porto Alegre e Festival de Audiovisual na UFPE.

## **A origem dos processos narrativos**

Atualmente, encontramos vários exemplos de obras literárias que serviram de inspiração para diretores cinematográficos. Os *best-sellers* têm sido alvo para roteiros de filmes, por exemplo, o famoso “O código da Vinci”, recentemente lançado em diversas salas de cinema brasileiras. Grandes obras literárias, tradicionalmente conhecidas como “Romeu e Julieta” de Shakespeare, marcam temporalmente a existência da literatura presente no cinema. A filmografia brasileira também está repleta de filmes que têm seu contexto vinculado à literatura nacional. Guimarães Rosa, Machado de Assis, Jorge Amado, entre outros, são exemplo de escritores que tiveram suas obras recriadas no cinema. Isto, na verdade, não é uma virtude da atualidade, pois encontramos este paralelo presente desde a constituição do cinema, quando o ilusionista francês George Méliès foi pioneiro em utilizar as técnicas de transposição.

Mas o que faz linguagens tão distintas encontrarem pontos de convergência? Esta virtude pode ser atribuída à possibilidade do cinema contar “suas histórias” através da projeção de fotogramas que proporciona a ilusão ótica do movimento. Porém, tudo se inicia na narratividade. “*Muito antes de os livros existirem como objetos físicos, os contadores de histórias transmitiam dados essenciais às sucessivas gerações em forma de narrativa*” (EPSTEIN, 2002:11). Com base neste dado, é possível afirmar que o processo narrativo já existia desde os primórdios da vida humana, mesmo antes do surgimento da escrita. O homem em sua necessidade de exteriorizar e aludir histórias de seu universo, fictício ou não, fazia desta prática ancestral em forma de oralidade que mais tarde contribuiu na construção do universo literário presente na história da humanidade.

## **Os caminhos para Transposição**

É sabido que o cinema alicerçou a sua linguagem a partir da constituição literária, tendo como base à construção narrativa na qual permeia a estrutura lingüística cinematográfica. A intertextualidade, definida por Genette (*apud* AMARAL, 2005:2)<sup>3</sup> é “*tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos*”. Cada texto é uma voz, uma expressão. Cada linguagem designa suas especificidades e remete uma rede semântica ao seu interlocutor. É esta a forma de dialogar na intertextualidade. Na relação transtextual entre cinema e literatura,

---

<sup>3</sup> GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982, p.35.

encontramos a intertextualidade presente por intermédio da hipertextualidade. Segundo Cecy Campos (2000), a hipertextualidade é toda relação que une um texto a outro, realizada por meio de alusões textuais ou paratextuais. O texto A (hipotexto) é o texto base que serve como ponto de partida e dá origem a um texto B (hipertexto). Assim, a obra literária passa a ser o hipotexto, dando origem ao hipertexto, que é o roteiro. A narrativa cinematográfica é um texto composto por sons, imagens e discursos verbais necessários para a compreensão do espectador, presente nas entrelinhas da projeção visual. Quando um roteiro é adaptado de um livro ou conto literário, ele passa a ser um outro texto, visto que as técnicas de linguagem, embora consistam em algumas similaridades, são representadas por elementos que as distinguem.

Além das abordagens da intertextualidade evidenciadas acima, o segundo passo o qual julgamos indispensável para compreender o processo de transposição é a análise sobre a perspectiva da tradução intersemiótica. De acordo com Júlio Plaza (2003), a tradução intersemiótica é a tradução que consiste em interpretação de signos entre sistemas semióticos, ou ainda, de um sistema de signos para outro, e está pautada na utilização de suportes, os quais apresentam estruturas técnicas e expressivas necessárias para que as linguagens se materializem em signos que, por sua vez, servem também como interfaces, ou seja, mediações. A interpretação de signos lingüísticos por outros não lingüísticos significa uma transmutação de signos lingüísticos para não lingüísticos paralelizando uma posição verbal x não-verbal. A tradução nos diversos meios se dá a *“partir de uma estratificação ou demarcação de fronteiras nítidas entre diversos e diferentes sistemas de signos, dividindo-os em códigos separados, tais como: verbal, pictórico, fotográfico, fílmico, televisivo, gráfico, musical, etc.”* (PLAZA, 2003:67).

Não é o rótulo do meio ou do código que irá nos fornecer habilidade técnica para detectar as operações sígnicas que estão inseridas nas mensagens e se processam no seu interior. Para se inteligir essas informações no trânsito semiótico, deve-se obter a capacidade de leitura diretamente na raiz. A diversidade das linguagens e suportes nos quais os movimentos de passagem de caracteres icônicos, indiciais e simbólicos<sup>4</sup> se efetivam, não se sobrepõe somente nos intercódigos mas também nos intracódigos, entendendo os processos de leis e articulações de linguagem que se efetuam no seu interior.

---

<sup>4</sup> Na perspectiva semiótica de Peirce, ícones, índices e símbolos são tipos de signos que se remetem ao objeto da representação de um modo específico. Ícone é um signo que sugere o objeto por similaridade, índice indica um outro existente para fora dele mesmo e símbolo é a representação em forma de lei, fundamentados pelos legi-signos.

A tradução intersemiótica da literatura para o cinema implica na produção de signos interpretantes gerados numa mente tradutora ou intérprete, durante o processo de tradução. Esses signos interpretantes estão relacionados a uma diversidade de referências que o tradutor adquire ao longo de suas experiências pessoais e intelectuais. *“Trata-se da experiência real com o original a ser traduzido, o efeito que aquele produz na relação de leitura. Este interpretante é realmente o significado singular do signo original, a maneira pela qual cada mente o recebe e a ele reage”* (PLAZA, 2003:35). O novo texto contém elementos sógnicos inseridos em seu interior que referenciam a obra original, mas a tradução intersemiótica consiste no surgimento de uma outra obra, ou seja, numa transcrição.

Para compreender a definição de transposição de maneira singular é necessário ressaltar as diferenças culturais e lingüísticas que interferem no processo de tradução. Adaptar requer a forma inteligível e coerente de relacionar o contexto verbal às formas mais adequadas para a nova linguagem que será transposta. É necessário também avaliar o tempo, espaço, meio e público receptor do contexto traduzido. *“A cultura como um todo nunca deixa de transparecer nos textos traduzidos, mesmo na tradução interlingual, conclui-se que toda tradução é cultural”*. (DINIZ, 1996:50). Adaptar, portanto, é um elemento complementar e fundamental que trabalha de forma conjunta e atuante no processo de transposição.

A transcrição do texto literário para o cinematográfico resulta em transformações devido às diferenças de linguagens utilizadas, além do próprio gesto de leitura do tradutor/adaptador, mesmo quando se trata de uma tradução com o objetivo de ser “literal”. A transposição inclui uma série de transformações de linguagens que se constituem por sua neutralidade e abrangência e que estabelecem rupturas na forma estrutural do texto, modificando sua forma. Por isso, a transposição passa a ser o termo mais adequado para explicar o processo no qual uma obra literária é submetida à linguagem cinematográfica.

## **Considerações Finais**

A necessidade humana em desejar a constante presença da narrativa nos meios midiáticos pode explicar a grande incidência da literatura presente na arte cinematográfica. Mas atribuir toda responsabilidade do eixo existente entre literatura e cinema ao processo narrativo seria uma visão muito simplista, resultando em desconsideração de todas as etapas pertinentes ao processo de transposição. A extrema necessidade relacionada à narrativa talvez seja explicada pelo desejo insaciável do homem com o imaginário e o seu universo onírico. Estaria o homem moderno contíguo às novas tendências contemporâneas, necessitando reafirmar suas relações literárias através do cinema? Ou estaria ele exaurido de novas experiências, propiciando um processo de retroalimentação ostentado em outra obra de arte? No decorrer da pesquisa poderá emergir outras reflexões motivadas por esse questionamento. Mas o que se pode afirmar, sem receios, é que o cinema continua, nos dias atuais, a se utilizar da literatura como forma de reafirmar a constante relação existente entre as duas linguagens.

## Referências Bibliográficas

AMARAL, Adriana. *Cidadão Slade: a vida de um homem é seu intertexto* (2003). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaral-adriana-velvet-goldmine.pdf>>. Consultado em: 16 nov. 2005 7 p.

CAMPOS, Cecy Barbosa. *Hitchcock x Brian de Palma: A intertextualidade fílmica* (2000). Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/abrapui/senapulli2000/Cinema%20Brian%20001.pdf>>, consultado em 20 mai. 2006. 13 p.

DINIZ, Thais F.N. *Os Enleios de Lear: da semiótica a tradução cultural* (1996). Disponível em: <<http://www.thais-flores.pro.br>>. Consultado em 16 fev. 2006

EPSTEIN, Jason. *O Negócio do Livro: passado, presente e futuro do mercado editorial*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002. 170 p.

PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. 210 p.